



INSTITUTO DE HUMANIDADES-IH
BACHARELADO EM HUMANIDADE-BHU

SUZANA MANUEL JORGE

A IMPORTÂNCIA DOS RITUAIS DE PASSAGEM NOS POVOS OVIMBUNDU

ACARAPE-CEARÁ

2024

SUZANA MANUEL JORGE

A IMPORTÂNCIA DOS RITUAIS DE PASSAGEM NOS POVOS OVIMBUNDU

Trabalho apresentado na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), curso de Bacharelado em Humanidade, como requisito de obtenção de bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dra. Natália Cabanillas

ACARAPE-CEARÁ

2024

RESUMO

Esta pesquisa busca analisar os rituais de passagem entre os povos Ovimbundu, povos estabelecidos nas vastas regiões do centro ocidental de Angola, incluindo as províncias de Benguela, Bié, Huambo e outras áreas adjacentes. O estudo concentra-se na compreensão da relevância histórica, cultural e social desses rituais, especialmente em relação à sua manifestação ao longo do tempo e suas adaptações contemporâneas. Os rituais de passagem desempenham um papel central na estrutura social e simbólica dos Ovimbundu, marcando transições significativas na vida dos indivíduos, desde o nascimento até a morte. Através de conceitos históricos, esta pesquisa procura traçar as origens e evolução desses rituais, considerando seu contexto geográfico, bem como influências históricas, culturais e políticas. A análise dos rituais de iniciação, casamento, nascimento e morte permite uma compreensão mais profunda das crenças, valores e simbolismos que permeiam a cultura Ovimbundu. Além disso, examina-se a inter-relação entre os rituais de passagem e outras dimensões da vida social e cultural, incluindo estruturas de poder, identidade étnica e coesão comunitária. A pesquisa incorpora uma variedade de fontes, incluindo trabalhos acadêmicos, fontes primárias e entrevistas orais, possibilitando uma análise abrangente e contextualizada dos rituais de passagem nos povos Ovimbundu. Ao explorar esses rituais sob uma perspectiva histórica e contemporânea, esta pesquisa busca contribuir para um entendimento mais profundo das práticas culturais africanas e para o diálogo acadêmico sobre a preservação e valorização da diversidade cultural no continente africano.

Palavras chaves: Rituais de passagem; Povos Ovimbundu; Cultura africana; Tradições ancestrais.

INTRODUÇÃO

Por longo período, os Ovimbundu desenvolveram uma variedade de ritos que marcam mudanças significativas em suas vidas, desde o nascimento até a morte. Esses rituais não só celebram marcos individuais, também afirmam a identidade coletiva e fortalecem os laços comunitários. Para compreender a profundidade e a complexidade dessas práticas, é essencial considerar não apenas sua manifestação contemporânea, mas também sua evolução ao longo do tempo e suas interações com os contextos sociais e políticos em mudança.

No âmbito desta pesquisa, examinaremos os rituais de passagem entre os povos Ovimbundu, focando especialmente nas dinâmicas históricas e culturais que moldaram essas práticas ao longo do tempo. Pretendemos explorar como os rituais de iniciação, casamento, nascimento e morte são intrinsecamente ligados à cosmovisão Ovimbundu, refletindo suas crenças, valores e estruturas de poder. Para nos guiarmos a nossa investigação, recorreremos a uma variedade de fontes, incluindo trabalhos acadêmicos e etnográficos de renomados estudiosos africanos e referências como os estudos de Hampaté Bá sobre a tradição, os trabalhos de Bronislaw Malinowski e Clifford Geertz sobre o papel do mito e da interpretação cultural, Catarina Ferreira sobre o ritual fúnebre e as pesquisas de Anabela Fernandes sobre o ritual de Evamba.

Além disso, as nossas investigações irão basear-se em fontes primárias e entrevistas orais, possibilitadas pela tecnologia contemporânea, permitindo-nos acessar perspectivas e experiências diretamente dos Ovimbundu que residem em Angola. Ao traçar essas linhas de pesquisa, buscamos não apenas compreender a importância dos rituais de passagem nos povos Ovimbundu, mas também contribuir para um diálogo mais amplo sobre a preservação e valorização das tradições culturais africanas em um mundo em constante transformação. Este estudo, portanto, visa não apenas documentar e analisar os rituais de passagem entre os Ovimbundu, mas também destacar sua vitalidade e relevância contínua em um contexto global cada vez mais interconectado.

Breves considerações sobre os Ovimbundu

Antes de nos centrarmos no tema da nossa pesquisa, é necessário conhecermos um pouco sobre as características do povo em que a nossa pesquisa é baseada, os ovimbundu, grupo etnolinguístico angolano, têm a sua origem pertencentes em diversas áreas genealógicas dos povos Bantu. Eles habitam no planalto central de Angola, que,

em termos administrativos, abrange as seguintes províncias: Benguela, Bié e Huambo. E no Nordeste, a zona plana estende-se até a área sul da província de Malanje, ao passo que sul vai até à metade da Huíla. (Nsiba José 2016. P. 184) São uma etnia Bantu de Angola e constituem 37% da população do país e têm a língua Umbundu como a sua língua materna. Os grupos mais importantes são os Mbalundu, os Wambo, Bienes, os Seles, os Sambas e os Caconda. (Ema Celena Sanjambela, 2022.p.3).

A literatura oral ovimbundu está instigada de vários gêneros orais, como os de maior extensão estrutural como (lendas, mitos), e os de menor extensão estrutural (adivinhas, canções, orações, provérbios) conservados na memória dos seus descendentes e ou detentores: anciãos, chefes de famílias, homens, mulheres e crianças. Vale lembrar que outros povos da região Plantáltica, à semelhança de povos do mundo, têm uma memória extraordinária. Vêm conservados em sua memória milhares de adivinhas, ágios, canções, contos, invocações, lendas e mitos, listas de lugares, listas genealógicas e muitos mais, os têm a palavra como o seu princípio vetor. (Nsiba José 2016. pp. 184-185)

Conforme o dicionário de português Aurelio, cultura é um conjunto de conhecimento adquiridos, ou ainda conjunto de costumes, crenças, manifestações artísticas de um povo ou determinada época. Segundo Clifford Geertz (2015), o estudo da cultura tem se desenvolvido bastante, talvez seja pela a curiosidade que pessoas têm tido, a vontade de querer conhecer a cultura de cada um e também por simples fatos ter muitos migrantes viajando pelo mundo, nasce aquela curiosidade de querer conhecer mais sobre o lugar que passou. A cultura africana não é, portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida, por ela se ligar ao comportamento cotidiano do homem da comunidade. Ela visa uma presença particular no mundo, um mundo concebido como um mundo onde todas as coisas se relacionam e interagem. Ela é baseada em certas concepções do homem, do seu lugar e do seu papel no seio do universo, para situá-la melhor no contexto global antes de estudá-la em vários aspectos.

Tradição

Tradição é um conjunto de lendas, hábitos, práticas e costumes transmitidos de geração em geração. Ou seja, é a transmissão de costumes, comportamento, memórias, rumores, crenças e lendas para as pessoas de uma comunidade, sendo que os elementos transmitidos passam a fazer parte da cultura. O conhecimento oral é a tradição transmitida oralmente de geração em geração. Os testemunhos passados são verbalmente transmitidos em discursos ou canções e podem tomar a forma de contos, provérbios, canções ou cânticos. (Ema Celena Sanjambela, 2022.p.3)

Conforme Hampaté Bâ, quando se fala de tradição em relação a história da África, refere-se às tradições oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a não ser que se apóie nessa herança de conhecimento transmitidos de boca a ouvido, de mestres, discípulo, ao longo dos séculos. A tradição parte -não da escrita de um livro, revistas ou artigos- e sim dos saberes dos anciãos, através dos conhecimentos passados pelos os ancestrais; e continuam vivas até hoje porque precisam ser passadas para as gerações futuras através das histórias e fábulas que eles passam nas aldeias. Por mais que já não seja tão relevante, essa herança não se perdeu, ela ainda continua viva e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são as memórias vivas da África. (BÂ, Amadou Hampaté, 2010, p.167).

Os saberes tradicionais são sempre orais e não escritos e é por isso que as nações modernas, onde a escrita tem precedências sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal vínculo da herança cultural, durante muito tempo, julgou-se que povos sem escrita eram povos sem culturas. Mas que felizmente esse conceito infundado começou a desaparecer após as duas últimas guerras, graças aos trabalhos realizados por alguns grupos de etnólogos do mundo inteiro. Ou seja, por elas não serem escritas, para nações cujo tudo é baseado na escrita, julgaram que os povos africanos sem escrita é um povo sem cultura, mas que finalmente, graças aos etnólogos e a ação inovadora da UNESCO que têm realizados trabalhos que mostram os tesouros do conhecimento transmitidos pela tradição oral. Provando o contrário sobre esta ideia de África ser um povo sem cultura tem desaparecido. (BÂ, Amadou Hampaté, 2010, pp.167-168) Segundo o autor, a cultura escrita não tem sua importância reduzida, considerando que é através dela que ele inscreve suas ideias, porém, o autor evidencia a importância da fala, como função de manter certas tradições e identidade cultural e ancestralidade africana. A tradição oral, é um fator de unidade cultural de todo continente africano, encontra-se em todos os países embora com as diferenças e suas peculiaridades, são práticas que fazem parte da sua existência.

Nas tradições africanas, a palavra falada se tomava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Darei um exemplo de algo que aconteceu na província em que os meus pais foram nascidos: primeiro é que a palavra do Soba tem uma vasta importância na comunidade, por exemplo quando alguém morre ou desapareceu no rio e o seu corpo depois de tanta procura não aparece, os pais ou alguns parentes próximos aos familiares

vão até ao Soba e o Soba dirá a eles o que devem fazer e onde o encontrar o corpo desaparecido e se eles fizer do jeito que o Soba falou eles encontram o corpo vivo ou morto. Isso é algo que não foi escrito, e sim um saber oral que os Sobas aprendem durante a preparação da sua caminhada de sábado. Inúmeros fatores religiosos, mágicos ou sociais concorrem para preservar a fidelidade da transmissão oral. A tradição oral africana não se limita a histórias e lendas, ou mesmo a relatos mitológicos ou históricos, e os griots estão longe de ser seus únicos guardiões e transmissores qualificados. (BÂ, Amadou Hampaté, 2010, p.169)

Na tradição ovimbundu, o respeito pelos mais velhos é de extrema importância, porque eles representam um papel relevante na comunidade. Os aspectos de abordagem ligados à oralidade, a palavra e o papel do Ancião na comunidade contexto da cultura africana se interligam e completam-se. Dentro comunidade Ovimbundu, ancião pode ser descrito como uma figura responsável de todos tecidos sociais. Para os Ovimbundu, o papel do ancião representa a autoridade, não quem pensa e decide por todos. As decisões são todas em conselho e de acordo com a experiência e sabedoria do mais velho do grupo. Os anciãos encarnam os antepassados com uma forma vital vinda do passado formando uma dinastia. A memória das comunidades Ovimbundu, é transmitida continuamente pelos anciãos sob forma de histórias contendo conhecimentos, princípios e valores que preservam o sentido agregador enquanto família e vinculação aterram. Desta feita, o ato de lembrar, está na essência das tradições que sustentam a organização comunitária e formas de governar nessas sociedades. Assim a comunidade reverencia os seus ancestrais conservando os valores de convivência que estão na memória como um jeito de ser, pertencer e participar. (Ema Celena Sanjambela, 2022. p.35).

A tradição oral é vista como a escala da vida, onde ela se recupera e relaciona todos os aspectos. Embora pareça confuso e desordenado, não mostram o seu segredo, desconcertam a mentalidade cartesiana acostumada e separa tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, o espírito e material não estão dissociados, ao passar do sobrenatural para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhe de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. E é ao mesmo tempo, religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre permite-nos remontar à Unidade primordial. De acordo com Hampaté Bâ, a tradição oral foi fundada na iniciação e na experiência e conduz o homem à sua totalidade, em

virtude disso, pode-se dizer que contribuiu para criar um tipo de homem particular, para esculpir a alma africana. (BÂ, Amadou Hampatê 2010, p.169).

A cultura africana não é, portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida, por ela se ligar ao comportamento cotidiano do homem da comunidade. Ela visa uma presença particular no mundo, um mundo concebido como um mundo onde todas as coisas se relacionam e interagem. Ela é baseada em certas concepções do homem, do seu lugar e do seu papel no seio do universo, para situá-la melhor no contexto global antes de estudá-la em vários aspectos. (BÂ, Amadou Hampatê 2010, pp.169-170)

Justificativa

A escolha deste tema: Rituais Africanos: Importância dos Rituais de Passagens nos Povos Ovimbundu, consiste na curiosidade em saber mais sobre a cultura africana, de modo especial angolana. Poder saber um pouco mais do que se ouve falar sobre os rituais de passagens e dos ensinamentos que lá são passados, gera uma curiosidade e tanto. Se o interesse é saber sobre os rituais africanos, porque escolheu apenas um país e grupo etnolinguístico? Apenas um país e grupo, porque só falando desse grupo já é um grande desafio, abranger ou incluir outros países seria muitas informações e não daria tempo por se tratar de uma pesquisa de graduação e se dependesse de mim, falaremos do continente no seu todo.

Eu cresci num ambiente em que era raro falar de rituais de iniciação, na verdade quase que nem se falava e das poucas vezes que se tocava é porque vimos alguma matéria jornalístico passado na televisão. E era daí que nascia a minha curiosidade em saber mais sobre a cultura africanas, segundo Edward Burnett Tylor, nos parágrafos iniciais de Primitive Culture (1871; A cultura primitiva, a cultura é um conceito de várias acepções, ela representa a identidade de um povo. Onde todas as sociedades têm uma cultura que retrata o seu modo de viver e, desta forma, suas especificidades são características marcantes que revelam seus traços do mais simples ao mais complexos permitindo-nos conhecer e assim estudarmos as diversas culturas. E com isso quero dizer, é importante saber de onde a gente vem. Conforme disse no princípio, eu sempre quis saber mais sobre África, de modo particular o país em que eu nasci, cresci e vivi durante 25 anos e este interesse foi crescendo cada vez mais com programas que passaram ou passam nas nossas redes televisivas, tais como: “Nossa terra”, “Nosso serão”, “Cultura”, “Minuto de saber” Esta última, apresentada por uma jornalista e apresentadora que eu admiro bastes Sandra Quiala, conhecida como Mwana Afrika, os

temas que ela traz são muito interessantes, relacionados a todos os pontos do continente africano. Despertando em mim a curiosidade de querer saber o porquê que atualmente essas práticas são esquecidas, o que mudou para que elas deixassem de ser importante para algumas famílias. Nos dias de hoje, é difícil se ouvir falar de rituais de iniciação, tanto femininas como masculinas, embora algumas delas não precisassem ser praticadas.

Como eu gostaria que a minha família adotasse esses rituais no nosso meio, ou crescer em uma aldeia ou comunidade onde esses rituais são praticados, saber dos ensinamentos que lhes é passado desde momentos que são tiradas de casa para irem às casas onde lhes são passados esses ensinamentos. Por ser uma prática deixada pelos nossos ancestrais e serem uns dos momentos que nos ligam a eles, como forma de respeito e agradecimento por eles, talvez não devesse ser algo esquecido.

Problema de pesquisa

O presente projeto de pesquisa, procura investigar a importância dos rituais de passagem e tentar entender a forma como esses rituais de passagens se manifestam dentro dos povos Ovimbundu, focando-se nas dinâmicas históricas e culturais que moldaram essas práticas ao longo do tempo. Explorar a forma como os rituais de iniciação são especialmente ligados à cosmovisão Ovimbundu, refletindo-se nas suas crenças, valores e estrutura de poder.

HIPÓTESES

Os rituais de passagem desempenham um papel central na estrutura cultural e social de muitas sociedades africanas, especialmente entre os povos Ovimbundu, cujas tradições ancestrais e práticas rituais refletem uma riqueza de significados e simbolismos. Neste estudo, a ideia é explorarmos a importância dos rituais de passagem nos povos Ovimbundu, uma comunidade que ocupa vastas áreas no centro ocidental de Angola, estendendo-se desde o litoral até as regiões montanhosas de Benguela.

OBJETIVO GERAL

Analisar a importância dos rituais de passagem nos povos Ovimbundu, compreendendo sua relação histórica, cultural e social em contexto contemporâneo.

Objetivos Específicos:

Analisar as práticas rituais específicas associadas a diferentes estágios de transição na vida dos Ovimbundu, como nascimento, iniciação, casamento e morte;

Analisar as relações entre os rituais de passagem e outras dimensões da vida social e cultural dos Ovimbundu, incluindo estruturas de poder, identidade étnica e coesão comunitária;

Explorar as percepções contemporâneas dos rituais de passagem entre os Ovimbundu, incluindo suas conexões com questões de identidade, memória e mudança social;

Explorar se há rituais específicos exclusivos para cada gênero e como esses rituais influenciam as identidades de gênero dentro da comunidade.

Metodologia

O presente trabalho de pesquisa, terá como procedimentos metodológicos a pesquisa qualitativa, descritiva e narrativa na base da oralidade, por ser um trabalho interligado aos fenômenos culturais de caráter simbólico e o destaque do estudo estará relacionado aos rituais africanos e importância dos rituais de passagens nos povos ovimbundu. Por outro lado, objetiva-se trazer reflexões sobre os rituais de passagens africanas, de modo partícipa angolano, as características dos fenômenos culturais e estabelece uma relação entre o presente e passado. A proposta de estudo de estudos, tende a delimitar-se a investigação da importância destes rituais para os povos etnolinguísticos dos ovimbundu e como eles são realizados.

Quanto a coleta e análise de dados, serão feitas através de pesquisas bibliográficas e documental desenvolvidas através das leituras e análises dos seguintes autores: Catarina Ferreira, Ema Cecilia Sanjambela, Anabela de Lourdes da Silva Fernandes dentre outras produções escritas sobre estes assuntos. Estes e muitas outras produções, servirão de apoio nos estudos de autores como: que vêm aumentando na medida em que as leituras têm sido desenvolvidas. Será feito um levantamento e seleções minuciosas de livros, revistas, publicações periódicas, teses publicadas dentro e fora da universidade, sites oficiais da internet, artigos científicos, monografias, dissertações e dentre outros materiais sobre a temática, que podem vir ser úteis para desenvolvimento da pesquisa. Na primeira revisão bibliográfica mostrou-se produtiva a revisão das bases de dados de universidades angolanas.

Pretende-se também realizar coletas de dados por meio de entrevistas semiestruturadas com mulheres e homens ovimbundu que tenham passado ou não por

estes rituais. Os mesmos, terão a voz e escolha de modo que se sintam à vontade para assim darem os seus depoimentos sobre os rituais de passagens.

Logo, este método é bastante adequado para a aquisição de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam e o que desejam, assim como duas razões para cada resposta. Pretendemos com isso, estabelecer uma interlocução através das entrevistas com os dois gêneros (masculinos e femininos) que tenham vivido direta ou indiretamente estes rituais de iniciação na comunidade ovimbundu.

Concretamente a análises de dados, o projeto de pesquisa buscará apropriar-se de método descritivos por simples fato de proporcionar informações sumarizada dos dados contidos no total elementos das amostras estudadas (Mattar, 2001). Feito isso, pretende-se estruturar um roteiro de trabalho, no qual, serão organizados os conteúdos ligados ao tema, em seguida coletados para o levantamento das questões de trabalhos atendendo à proposta feita da pesquisa.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

No princípio, estava sendo difícil encontrar as bibliografias certas para trabalhar nesta pesquisa e quase desisti porque achava que não havia conteúdos que retratassem sobre o tema. Até que a minha orientadora me mostrou a forma certa para encontrar as referências bibliográficas e tudo ficou mais claro e fácil. E assim tornou a minha procura mais fácil, ainda mais porque a maior parte da referência que uso na pesquisa é de alunos que estudaram em uma das universidades de Angola (Instituto Superior da Educação da Huíla).

A partir da procura intensa de bibliografia sobre rituais ovimbundu, foram selecionados dois trabalhos específicos de Anabela Fernandes “O Evamba Entre os Ovimbundu na Província da Huíla: Um estudo Exploratório Feito no Município de Caconda nas Aldeias de Katapi e Sahando” , e de Catarina Ferreira “O Ritual Fúnebre de um Recém-nascido: Um estudo Exploratório Feito no Município de Caconda na Aldeia de Chico Sul” os dois trabalhos foi para obtenção do Grau de Licenciatura em ensino de História, no Instituto Superior da Educação da Huíla (ISCED-HUÍLA). Tanto o trabalho da Anabela, quanto o trabalho da Catarina, foram utilizados o método de pesquisa quali-quantitativa, esquemática, exploratória entre outros métodos, as mesmas explicam como foi a entrevista dentro das aldeias e gráficos das s percentagens de resultados obtidos com nas pesquisas, realçar que as duas pesquisas foram feitas no

mesmo município, porém em aldeias diferentes. Ambos trabalhos são muito relevantes para minha pesquisa e me aproximam dos rituais que pretendo pesquisar.

Ritual de Evamba

O ritual de Evamba, conhecido como ritual de passagem masculino dos povos Ovimbundu. Evamba é um termo linguístico umbundu que significa rito de iniciação masculina na puberdade, que consiste no surgimento do prepúcio nos indivíduos do sexo masculino.

A iniciação do rapaz e rapariga, é de vasta importância para a vida comunitária, os chamados ritos de iniciação na puberdade, além de se apresentar como os mais chamativos desta cultura, reveste-se dum claro significado e demais vistosa exterioridade de como se situam os jovens no seu lugar dinâmico da vida cultural, social, político e religiosa do grupo, podendo considerá-los como fundamento da comunidade, o suporte da religião e garantia da comunidade (Anabela Fernandes 2022, p. 3). Os ritos de passagem podem discernir-se em duas tendências interpretativas típicas dessa fase. A primeira fase discute os ritos de passagem como uma resposta adaptativa obrigatória, quando os indivíduos são obrigados a mudar de posição dentro de um sistema. E a segunda, os ritos de passagem são as mais importantes pois atravessam toda a vida de uma pessoa. (Anabela Fernandes, 2022, p. 23)

Os rituais de passagem são os mais importantes porque atravessam toda vida de uma pessoa e os momentos mais determinantes em termos rituais são nascimento, a puberdade, o casamento, a maternidade, a mudança de grupo de status, a mudança de ocupação profissional e finalmente a morte, para ele, a mudança de estatuto do indivíduo na sociedade é um faseamento que se reflete nas próprias cerimônias rituais. Quando os indivíduos estão prestes a mudar de estatuto entra num período de crise que se estende por três fases distintas: separação, traição e incorporação. Pode se dizer também que as mutilações corporais feitas a seguir ao fingimento da morte dos rapazes são uma forma de prolongamento dessa morte. Apesar de ser uma morte simbólica dos rapazes, é necessária para que a seguir se dê o seu renascimento já com o estatuto de homens. Durante a transição não podem ser vistos pelas mulheres nem regressarem ao acampamento principal onde mais se juntarão aos restantes membros de sua comunidade. (Anabela Fernandes, 2022, pp. 23-24)

Durante essa prática de iniciação, lhes são ensinados determinados segredos e tradição, no fundo podemos dizer que se trata de uma espécie de curso intensivo sobre

como ser um homem adulto. O facto é que a iniciação envolve aspectos traumáticos e assegura que os rapazes jamais se esquecerão do que aprenderam. (Anabela Fernandes, 2022, p. 24)

Os ritos constituem um controle social, isto é, mostrar que qualquer sociedade ou grupo procura assegurar obediência dos seus membros, segundo o modelo ou padrões que integram a ordem social ou cultural que se contrapõem a desordem, sem que não constituiria um sistema dinâmico. (Anabela Fernandes, 2022, p. 24)

A iniciação é um rito de passagem. É uma dimensão pessoal, é um conjunto de ritos e técnicas onde se transformam os jovens. São um conjunto de atividades organizadas, no qual as pessoas se expressam por meio de gestos, símbolos, linguagem e comportamento, transmitindo um sentido ao ritual. (Anabela Fernandes, 2022, p. 24). Só por ele as crianças se transformam social, política e religiosamente em homem. É a partir daí que as crianças compreenderão o ser homem de verdade e com responsabilidade que lhes é aguardado durante a sua juventude, depois de passarem pelos rituais serão considerados adultos dentro do seio familiar e dentro da sociedade, serão considerados homens habilitados a para formar uma família. (Anabela Fernandes, 2022, p. 24)

A circuncisão das crianças, é vista como a cerimónia inaugural dos ritos de puberdade, com um significado sacrificial, onde a libertação exige sangue, por isso o indivíduo imola parte do seu ser, oferece um sacrifício parcial em vez de se oferecer como vítima. A circuncisão está relacionada com a nova, com renascimento para uma vida superior mais dinâmica e poderosa. Para a realização deste ritual prepara-se um local adequado onde irão acampar os circuncidados e submetidos a uma educação nos mais variados aspectos da vida, e para a vida sob responsabilidade de um mais velho. O sangue é derramado e o corte do prepúcio substituiriam os sacrifícios humanos aplicativos e se um local adequado onde irão acampar os circuncidados e submetidos a uma educação nos mais variados aspectos da vida e para vida sob responsabilidade de benevolentes. O homem sacrificado só numa parte de si próprio, adquiriria do mundo invisível o poder reprodutor e assegurá-lo-ia. Outros veem no sangue derramado uma aliança com a terra. (Anabela Fernandes, 2022, pp. 24-25).

A medicina e a circuncisão

Não podemos deixar de trazer a reflexão da medicina a respeito da circuncisão, para a medicina, a circuncisão masculina é importante do ponto de vista dos cuidados de saúde, apesar de ser uma tradição cultural que se manifesta de várias formas em diferentes comunidades. Ou seja, para a medicina, o ritual de passagem não é visto como prática que fará do indivíduo um homem responsável e maduro e sim como uma questão de saúde mesmo. Ela deve ser vista como ponto de cuidados de saúde e higiene devidos os riscos que podem vir a acontecer no ato em ela seja praticada. É algo que deve ser feito com segurança sanitária para evitar o contágio de várias doenças que podem ser transmitidas aos adolescentes e adultos que aderem a estas práticas em locais pouco seguros do ponto vista sanitário. (Anabela Fernandes, 2022, pp. 25-26)

A medicina condena essa prática pelo facto de ela ser feita em lugares inapropriados e de forma pouco higiênicos apesar do Soba tomar todas as medidas provisórias com os objetos que muitas das vezes são aquecidos em fogueiras para serem esterilizados. Porque os homens incircuncisos têm mais probabilidade de contrair infecções por via sexual que os homens circuncidados, inclusive de contrair o vírus do HIV. O ritual do Evamba representa um assunto polémico, e a explicação mais comum para os praticantes atuais de circuncisão seria o fator higiênico, a medicina chama atenção para o fato de que a circuncisão garantiria uma maior higiene ao órgão genital masculino, evitando uma série de bactérias que possam causar infecções como a sífilis, fimose, herpes, balanopostites, a falsa gonorreia e a concentração de esmegma.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) chama atenção como o ritual seja praticado. Muitas das vezes o processo de cicatrização é muito longo e inseguro. O procedimento em si, pode causar sangramento e infertilidade e até mesmo levar o indivíduo até a morte. Desta feita, a medicina recomenda a iniciação masculina aos adultos, caso estes sofram de fimose, devido à maior complicação que esta circuncisão pode representar, é recomendável que os pais detectem a fimose no rapaz ainda criança, para que possa se realizar mais cedo. A iniciação masculina no adulto pode ser mais dolorosa que nas crianças, por uma série de fatores. O primeiro é que, pós-operatório, as ereções noturnas normais e saudáveis num homem adulto podem tornar-se muito dolorosas até a retirada dos pensos e dos pontos da sutura e pode fazer com o processo de cura seja demorado. O segundo é que os adultos demoram mais tempo a habituar-se à condição de circuncidados, podendo ter que mudar de hábito no que toca à roupa interior ou aos calções de banho. Cerca de 30% dos homens no mundo são

circuncidados por questões religiosas e também por razões de higiene. (Anabela Fernandes, 2022, p. 26)

Hoje em dia essa prática quase que já não é vista como prática ritualística, passou a ser um hábito para muitos povos. Antes de ser visto como uma cirurgia por causa da higiene e o bem estar do indivíduo, para que o evamba fosse realizado os indivíduos eram retirados das suas casas e levado para um local isolado, longe de casa e da sociedade fica ficavam lá 1 ou 2 meses ou até o processo da cicatrização estiver terminado. Nos dias de hoje é raro de se ver, rapazes já não são levados para ficar distante de seus familiares, basta levá-lo ao hospital ou em um centro onde haja um Urologista (nome adotado pela medicina a pessoal especializado para a prática da circuncisão). Em caso de complicações, o bloco operatório estará disponível para qualquer intervenção cirúrgica, esta prática faz bem aos homens do ponto de vista da higiene, porque ao se retirar o prepúcio, que liberta uma secreção chamada esmegma, podendo assim combater muitas bactérias que provocam doenças, como a inflamação do órgão genital, a esterilidade e outras infecções que podem vir a causar prejuízo a saúde humana. se antes ficavam mais de uma semana, hoje em dia nem ficam mais de cinco horas, a não ser que o hospital esteja cheio. (Anabela Fernandes 2022, pp.26-27)

História do ritual Evamba

O Evamba, termo em língua Umbundu que significa o rito de iniciação masculinas na puberdade, consiste no corte de prepúcio nos rapazes. O ritual é uma manifestação povoada de simbologias e representações que podem estar associadas a uma cosmogonia ou aspectos ligados diretamente ao quotidiano da sociedade. Este aspecto é muito importante do ritual, pois sem a representação simbólica através de movimentos, máscaras e outros objetos não é possível estabelecer uma atmosfera ritual, ou seja, de um ambiente diferenciado da realidade cotidiana, onde o ritual se desenvolve. (Anabela Fernandes, 2022, p. 27)

A circuncisão é uma prática antiga que existe desde o século V a. C. no Egito antigo. É praticada até hoje em muitas culturas e regiões, como ritual de iniciação ou de passagem à idade adulta. Exceto o caso do judaísmo, em que todos os recém-nascidos devem ser circuncidados nos primeiros dias de vida por motivos religiosos. (Anabela Fernandes, 2022, p. 28).

Apesar da circuncisão ser uma prática quase universal, é espelhada sobretudo pela África, Oceania e América, a sua origem se perde nos tempos. As crianças bantu

são circuncidadas com pequenas lâminas de pederneira, embora já tenham usado facas e até bisturis. Muitos acabam ficando defeituosos e a ausência de assepsia acarreta graves infecções que causam muitas das vezes, a morte. (Anabela Fernandes, 2022, p. 28)

Nas comunidades tradicionais a circuncisão é feita fora das instituições hospitalares e por especialistas, reconhecidos pelos mais velhos e autoridades tradicionais. Tal como os médicos e enfermeiros são reconhecidos pelas sociedades modernas e legais para práticas, as sociedades tradicionais também reconhecem homens peritos para o efeito, pois não é qualquer um que pode circundar. Os pais devem ter noção da função do pênis como órgão do aparelho urinário e reprodutor, pois perpetua a espécie. Para a circuncisão devem ser chamados especialistas e não curiosos (Anabela Fernandes 2022, p. 28)

Tal como os muílas, os Ovimbundu da região de Caconda que é a região da pesquisa da autora, também exigem esse rito como indispensável para o matrimónio. A criança é abandonada juntamente com o prepúcio, para poder então assumir os ritos seguintes consolidando uma personalidade nova. (Anabela Fernandes, 2022, p. 28)

Na cultura dos Ovimbundu, a circuncisão torna um ato de preparação dos indivíduos de forma a adquirir uma personalidade digna dentro do grupo em que está inserido. Atualmente, a iniciação masculina ainda é prática em muitos lugares da terra como rito religioso e também social é praticada em muitos lugares da terra como rito religioso e também social por vários povos, tais como judeus e muçumanos. A partir de meados do século XX, a iniciação masculina tornou-se uma prática médica a julgar. Ou seja, apesar da iniciação masculina ser uma prática ainda como rito religioso e social por vários povos tais como para os judeus e muçumanos, com o passar do tempo passou e vem passando da iniciação masculina para uma prática comum. (Anabela Fernandes, 2022, pp. 28-29)

As suas práticas tradicionais reduziram progressivamente porque, hoje a prática de hábitos de higiene genital tem o mesmo efeito da iniciação masculina, e tornou-se cada vez mais comum entre as pessoas. (Anabela Fernandes, 2022, p. 29)

Logo, a circuncisão pode ajudar a prevenir infecções nos rins e nas urinárias. Em muitas culturas, a iniciação masculina no início da puberdade é encerrada como ritual de passagem que marcam o início da adolescência e a entrada do rapaz na vida adulta. Servindo ainda como um sinal permanente de identificação, como prova de iniciação num grupo social ou religioso. (Anabela Fernandes, 2022, p. 29)

Para que o ritual corra ou aconteça em ordem e organizada, é necessário que seja planejada, e desta forma, ela é organizada por fases.

Fases do processo do ritual

Assim como todo e qualquer ritual, quer seja de passagem, casamento ou de nascimento, o Evamba também é feito por fases. Quando o indivíduo estiver prestes a mudar de um estatuto entra num período de crise que se estende por três fases distintas como:

- A separação que é o momento em que eles deixam as suas famílias e a aldeia para irem abrigar-se num acampamento em que eles ficarão durante três meses ou até o ferimento cicatrizar;
- A transição que é o momento de duração de vários dias e enquanto curam as feridas da circuncisão no acampamento. Durante este tempo que ficam no acampamento, eles só vêm os mestres e educadores. É um período à margem do tempo, em que está em gestação o novo nascimento e a ressurreição;
- A incorporação é o momento de regresso às aldeias, à comunidade, a derrubamento ou queimada do acampamento. Neste dia consegue-se a presença dum Soba-banza, para presenciar este momento. Os jovens ficam com o corpo nu e um cinturão de fibras vegetais, disparam sobre as cubatas e paliçadas uns com pequenos arcos com flechas com caroços de milhos a arde e atiram no acampamento e o acampamento acaba virando cinza e não resta nenhum vestígio. (Anabela Fernandes, 2022, pp. 29-30)

Em compensação na aldeia fazem-se grandes festas para a recepção dos recém nascidos. Em suma todos os rituais terminam em festa e o Evaamba não seria diferente, nas festas há carnes e bebidas em abundâncias e os tambores tocando e animando a noite. Neste momento aparecem vários animadores, como os mascarados aparecem pelos caminhos dançando e gesticulando, com halo de mistérios para as mulheres e para os não-filiados, toda comunidade goza a sua renovação-continuidade e com o enriquecimento que eles trazem na aldeia. Por, mesmo que eles lembrassem de sua vida antes de irem para o ritual, são obrigados a fingir que desconhecem tudo e que esqueceram a sua vida anterior porque tornaram-se homens novos. (Anabela Fernandes, 2022, p. 30)

Durante a estadia dos jovens no acampamento, existem regras de convivência dentro do acampamento que eles têm e são obrigados a cumprir. A estrutura no acampamento é complexa e impõe o conjunto de regras que devem ser tidos em linha de conta na “etanda” (local onde são realizadas festividades populares). (Anabela Fernandes, 2022, p. 30)

Regras de convivência no acampamento

1. A prioridade da circuncisão é as crianças;
2. Não devem usar roupas nem sapatos;
3. Tem horas próprias para acarretarem água;
4. Não podem tomar banho;
5. Não podem consumir alimentos com sal;
6. Não podem encontrarem em contacto com mulheres da Aldeia;
7. Não podem praticar relações sexuais;
8. Evitar andar desnecessariamente;
9. Caso alguém morra no acampamento não se pode comunicar à família até os outros saírem, o cadáver fica guardado durante esse tempo que outros ficarem lá;
10. As regras devem ser obrigatoriamente cumpridas durante seis meses, mas o tempo de estadia no acampamento depende do tempo que ferida curar;
11. São controlados por um Ovihengue (responsável do acampamento)
12. A alimentação é abastecida pelos os pais;
13. Não podem passar a noite com pais;
14. Os circuncidados após as refeições vão para lição instrutiva, no Odjngo;
15. Os que comem muito são colocados no mesmo acampamento;
16. As crianças são postas juntas;
17. Fabricar o okutona ociyembi co samba (vestuário que são posto no acampamento)
18. Antes da cura, passam as noites nas folhas dos ramos até que eles estejam curados e desenvolvam habilidades de fabricar os oviembi. (Anabela Fernandes, 2022, pp. 46-47)

Caso alguém viole as regras postas no acampamento, a possibilidade de haver morte acaba sendo maior. Durante este período do acampamento, o Soba prepara psicologicamente os familiares para condições necessárias de um banquete do dia de

saída dos circuncidados no acampamento. Depois dessa cerimônia, os circuncidados e seus familiares comemoram. Ou seja, comem, dançam, cantam manifestando um sentimento de grandes emoções e alegria, que marca a determina toda a vida de novo homem. (Anabela Fernandes, 2022, p. 47-48)

Formalização da Circuncisão

Assim como qualquer outra eventualidade, também é necessário que se crie uma comissão de organização interna para que o mesmo corra dentro das normas estabelecidas. Desta feita, as áreas funcionais são as seguintes: o Conselho de direção, assistente de direção, logístico, instrutor e bailarino. O Tchiluwe, o ulonguisi, o assistente de direção e o batuqueiro são escolhidos pelo conselho de direção devido o domínio artístico-cultural, teórico-prático de que detém de dirigir e ensaiar o grupo dentro das normas aceites na comunidade. A eles é associado a necessidade de escolher um espaço, material de apoio, barbeiro, cantores, coreógrafos. Estes três últimos podem ser apenas convidados, já que a sua contribuição artística é dada apenas no momento final do ritual. (Anabela Fernandes, 2022, p. 48)

Quando a cerimônia estiver preparada, numa manhã pega-se um galo e uma galinha, uma cabaça de quissangua mal passada misturada com Kayambua (medicamento tradicional) para os circuncisos beberem após a cirurgia. Os pais e os encarregados dos circuncisos levam medicamentos tradicionais para meterem na fogueira dos acampados a fim de garantir a cura. E em seguida descansam num ambiente fresco com banquete de abertura da cerimônia. (Anabela Fernandes, 2022, p. 48)

A separação

O momento da separação não é anunciado sobre a circuncisão as crianças para que estas não fiquem assustados e com medos de estarem distantes de seus pais e evitarem o risco de elas acabarem fugindo que nem no filme Moolaadé (ritual de purificação) de Ousmane Semène, mas, aos mais velhos são anunciados. Nessa altura, as crianças são mobilizadas com mentiras de que vão ajudar cortar caniços nunca num lugar muito distante numa distância de 100 metros da casa do Médico, depois vão buscá-los um de cada vez para a circuncisão de modo a evitar fuga devido ao medo. Os primeiros a serem circundados são as crianças, em seguida o tchiluwe colocou o prepúcio por baixo de uma pedra onde vai ficando ali sem prestar qualquer serviço até

as feridas dos circuncidados esteja curada. Após isso é feito um pirão (massa de farinha de milho) mal passado, onde põem kayambua (medicamento tradicional) que é o anti-maldade e dar ao recém-circuncidado para comerem, em poucas palavras, os circuncidados acabam comendo o prepúcio com a informação de é para evitar a maldade ou o mal. (Anabela Fernandes, 2022, pp. 48-49)

Tipos de Alimentação.

A alimentação dentro os petizes no acampamento são especiais, tendo se destacado o feijão normal, feijão frade, kizaca (folha de mandioca) lombi (folha de abóbora feito com quiabo), o peixe para os mais velhos, carne resultado da caça sem sal, pirão (massa de farinha de milho) frio. Todo produto alimentar é confeitado em panelas de barro. (Anabela Fernandes, 2022, p. 49)

Abstinência sexual

Devido a cicatrização das feridas, os circuncidados são proibidos de terem relações sexuais, no caso de haver alguns circuncidados adulto, a sua mulher tem o dever de cuidar-se, isto é, não ter tendência de namorar com outro homem enquanto o marido estiver acampado para garantir a rápida cura. E os pais dos circuncisos no decurso da estadia do filho no acampamento, dormem separados, até que os olihenge peguem no ondolo (Anabela Fernandes 2022, pp. 49-50)

Dança e indumentária

Durante a sua estadia no acampamento, os circuncidados ficam nus e lhes são esfregados cal para embranquece-los (para distinguir os Ovimbundu dos outros que não estão no ritual). Só então, é que no final do acampamento é que vestem panos “alembe” amarrados. Dentro do acampamento eles aprendem a dançar, de modo especial o odjando, a dança é representada com seguinte estilo: fazendo um círculo se que ninguém pegar ao outro, cada circuncidado fica dois cassetes na mão pendurados no ombro movendo-se em conformidade com a melodia do batuque com a seguinte canção: lilo lietu mwele lingunguma lioka mela kondjovo. (Anabela Fernandes, 2022, p. 50)

Corte do cabelo

Enquanto estiverem dentro do acampamento os circuncidados permanecem com o mesmo corte de cabelo. Só no final do acampamento é que eles cortam (careca) todos

cabelos, pelo barbeiro, para que se justifique o estado novo do indivíduo, com base na tradição. (Anabela Fernandes, 2022, p. 50)

Final do acampamento

No dia da saída do acampamento, tanto os Ovihengue quanto os Ovindanda um dia antes vão apanhar lenha colocam ao longo do rio próximo do acampamento. As quatro horas do dia seguinte, vestidos de Oviyembi lançam fogo ao acampamento e solicitam ao kessongo para dirigir o caminho em direção ao rio deixando o acampamento em chamas, e seguem cantando e dançando a seguinte canção: tchombo tcheto tchipia, justificando o final da estadia no local. Chegando ao rio tomam banho enquanto alguns estiverem a fazer fogueira para poderem se aquecer. Depois disso, orientam as meninas para trazerem as para as mudas dos Ovindandas que ficam distantes aguardando pelos ovihengue para pegarem as referidas roupas, deixando ali os Oviyembi em chama também. De seguida vão para uma paragem chamada Esakelo onde serão ataviados os Ovimbundu com boas mudas de panos e dois cassetes de maná decorados cada um, com um turbante chamado osanlã. Dirigem-se ao Soba onde o Ombelo, chegando os Ovihengue criam um corredor de esteiras com fim de cobrir os Ovindanda de modo a não serem vistos pela comunidade em direção a residência oficial do Soba. Ou seja, (Anabela Fernandes 2022, pp. 50-51) a comunidade não verá os circuncidados antes do Soba.

RITUAL FÚNEBRE

Pensar em ritual fúnebre é tratar do sofrimento psíquico, com sérias implicações para a saúde mental dos indivíduos e para a vida social. Fúnebre é um adjetivo que se refere à morte, aos mortos. Essa homenagem e este ritual, têm um papel social e psicológico ao permitir compartilhar com todos um momento de acolhimento para suportar a dor da perda. Esses são momentos que proporcionam aos familiares e amigos próximos a chance de dizer o último adeus e o respeito para que o ente querido possa ter um descanso eterno. (Catarina Ferreira, 2022, p. 16).

Breve História do Ritual Fúnebre

Desde muito tempo, o ser humano inquietou-se em procurar esclarecimento sobre a morte e o que se sucedeu depois desta, mas nunca encontrou respostas evidentes. Sendo único ser que a capacidade de pensar, suspeitar, criou normas que se

expressam através de gestos, símbolos e palavras. O conjunto destes fatores é denominado por ritos. A sua comemoração recebe o nome de rituais. E estas são regras de condutas que dirigem as comunidades perante a morte. (Catarina Ferreira, 2022, p. 12)

Origem de 5 rituais fúnebres

Rituais fúnebres são rituais que decorrem após a morte de alguém. Ou seja, ir à igreja, o enterro, o velório, cremar, enviar coroa de flores, entre outros atos simbólicos. É comum, na sociedade angolana, fazê-lo como sucessão do falecimento de um ente querido. (Catarina Ferreira, 2022, p. 12).

Origem dos principais rituais fúnebres

Ritual fúnebre africano

O ritual fúnebre africano, possui as suas peculiaridades. Para os africanos, assim como o casamento, o velório também é uma grande festa. Portanto, os festejos de toda a comunidade com músicas, comidas e danças são comuns e as festas podem ser marcadas por roupas extravagantes, banquetes, fartos e muito mais luxo que outras comemorações. Sendo assim, pode se dizer, que entender como são celebrados diferentes rituais fúnebres permite compreender como cada cultura lida com a morte e, ainda, como amparar amigos durante o processo de perda de entes queridos. (Catarina Ferreira, Lubango, 2022, pp.19-20)

Ritual fúnebre em Angola

Antes do cristianismo, os Ovimbundu já acreditavam na existência da vida pós túmulo. É entendida como um fenômeno de mudança que dá acesso a eternidade. Os exemplos são atribuídos nas advertências que os vivos têm dirigido aos defuntos, assim como os apelos dos olossekulu (anciões) que já partiram para o mundo dos mortos (Catarina Ferreira, Lubango, 2022, p. 23)

Os rituais fúnebres explicam o vivido e enunciam o que pode acontecer depois da morte, este fato social é de difícil compreensão, só o espírito alcança a sua compressão. Ou seja, muitas pessoas antes de morrer, idealizam como quer que seja o seu funeral e como quer seja o seu enterro, será cremada, enterrada e ou sepultada. Porém, a preparação dos rituais em particular fúnebres, não parte da teoria para prática, e tem como base a análise dos acontecimentos ou práticas que essa pessoa tenha vivido antes do seu falecimento. (Catarina Ferreira, Lubango, 2022, pp. 23-24)

Ritual fúnebre para o grupo etnolinguístico Ovimbundu de Caconda

Para os Ovimbundu da aldeia de caconda, consideram este fenômeno muito importante na medida em que sempre conservaram este ritual. Os povos Ovimbundu não encaram a morte como um fim da existência. A partir do momento em que se toma conhecimento sobre a morte de um membro na comunidade, a família e os amigos do falecido sentem uma profunda mágoa que leva ao choro impaciente. As revelações de sentimento de tristeza são comprovadas pelas canções e as danças específicas no momento próprio. Conforme Catarina Ferreira (2022, p.24), muitos dos que escreveram sobre a cultura dos Ovimbundu, traduziam como manifestações jubilosas por ignorarem a realidade filosófica dessas comunidades e de Angola em geral.

Hoje em dia, nos óbitos são implementados instrumentos musicais eletrônicos, modernizados sendo antes as músicas eram cantadas sem qualquer um desses instrumentos. (Catarina Ferreira, Lubango, 2022, p. 24)

Quando o indivíduo morre, passa por três momentos: “Okasi kolongolo vyomanu” (moribundo), um moribundo apoia-se a um dos parentes, salvo quem morre no hospital ou morte súbitos; depois de dar o último suspiro passa para otchivimbi (cadáver); após o enterro chamam-lhe de owendi, (morto). A morte não é uma ocorrência, mas sim, um processo de transmutação e de atingir a perfeição. (Catarina Ferreira, Lubango, 2022, p. 24)

O moribundo não é cadáver, uma pessoa moribunda é diferente de uma pessoa morta. O ser humano é constituído pelo corpo e a alma. “Um corpo sem alma é um cadáver”. O ser humano é representado na sua tripla dimensão: etimba (corpo), emuenho (vida) e tchilembya (espírito ou alma). Diz-se que, o corpo, vida e o espírito convivem. “o corpo não é o homem, e nem todos os corpos vivos são considerados pessoas” (Catarina Ferreira, Lubango, 2022, p. 24)

A morte às vezes é vista como um acontecimento horrível e inconstante que ameaça a existência permanente da humanidade, mas completamente as fases do homem neste universo. Ela é indispensável pois faz parte do ciclo da vida. A maior inquietação dos Ovimbundu é a morte prematura. Se um indivíduo da terceira idade chegar a adoecer e descobrirem que se trata de uma doença é incurável, o doente passa pelos rituais para que este morra o mais rápido possível, a fim de aliviar a angústia por muito tempo. Criam-se imagens negativas sobre o moribundo e o acusam de feiticeiro, para que se faça um ritual de dismantelar o Okwato (a feiticeira), este é pelos Vakwacisoko. (Catarina Ferreira, Lubango, 2022, p. 25)

Nos dias de hoje, criticam-se revelações ligadas à morte. Mas, para as pessoas idosas consideram-na como uma necessidade social. Fazem-se súplicas as almas dos defuntos para que morram já nesta comunidade, geralmente a pessoa da idade avançada cria condições para o seu funeral. Ex. compram o ondjambo (pano que será usado para cobrir o seu caixão), ou atribui o encargo aos familiares; possam preparar o ondombokwa (animal para ser sacrificado); e elegem o cemitério a ser enterrado. De modo a garantir segurança dos bens materiais a ser deixado, escolhendo os seus futuros sucessores. (Catarina Ferreira, Lubango, 2022, p.25)

Principais características dos rituais fúnebres de um recém-nascido na aldeia de Chico Sul

Conforme vimos no princípio dessa temática, os rituais pós morte são importantes para que possamos nos despedir dos nossos entes queridos que partiram. Assim como qualquer outro evento, existem ao todos uma característica e para que os rituais fúnebres corram em conformidades é necessário que haja essas características e iremos nos centralizar em uma determinada aldeia que é o Chico Sul.

As principais característica dos rituais fúnebres de um recém-nascido na aldeia de Chico Sul são:

1. Horário próprio para o encerramento;
2. Ter cemitério próprio;
3. Não são enterrados em um caixão, mas sim em uma caixa de óleo vegetal, sabão ou massa;
4. Acova não aberta antes do enterro e sim no mesmo momento do enterro;
5. Não se verificam condolências. (Capolo) (Catarina Ferreira, Lubango, 2022, p.25)

Processo do ritual fúnebre de um recém-nascido na aldeia de Chico Sul.

Este processo ritualístico de um recém-nascidos, decorre da seguinte forma:

Caso o recém-nascido nasça no período noturno, é enterrado na manhã seguinte, antes do sol raiar, ou seja, é enterrado ao pôr-do-sol, isto é, entre 17 às 18 horas. Este processo ocorre desta forma porque o recém-nascido não chegou a fazer parte do mundo dos vivos, por isso não tem direito a um funeral condigno tal como acontece quem manifesta choro ao nascer ou como aqueles que fizeram parte dos vivos por longos tempos. (Catarina Ferreira, Lubango, 2022, p.26)

Não tem escolha para os que devem participar no ritual fúnebre de um recém-nascido, todos os podem participar a este ritual. Tem um cemitério próprio para o ritual fúnebre de um recém-nascido, eles não podem ser enterrados em Cemitério normal por não chegarem a viverem e ou nascerem já sem vida, são enterrados próximo da aldeia, ao lado de um rio ou então nos entroncamentos de caminhos. A realização fúnebre de um recém-nascido nesta localidade, o os provérbios locais não são usados por razões como: por ele não ter manifestado choro ao nascer, por não fazer parte dos vivos, por ter sido dominado pelo silêncio, por estes motivos é que o silêncio fala mais alto no momento do ritual descartando a possibilidade de discursos e usos de provérbios. O que a autora quer dizer com isso é que, a morte de um recém-nascido não tem o mesmo impacto que a morte uma pessoa de com 2 meses ou mais anos de vida, porque embora tenha gente esperando com entusiasmo pela sua chegada, só fato de ele ter nascido morto o seu ritual para enterrá-lo será diferente de alguém que tenha vivo e ter feito parte do mundo dos vivos. (Catarina Ferreira, Lubango, 2022, p.26)

Importância do ritual fúnebre de um recém-nascido na aldeia

Este ritual é importante porque assim os aldeões estão a conhecer as palavras, rituais, o significado de muitos gestos e símbolos da solidariedade, as relações com o mundo invisível, o perigo da interacção desvirtuada, o significado dos mascarados. São formadas para obedecer à autoridade e aos anciãos, guardar fidelidade aos ritos e costumes, comportar-se com independência da da autoridade materna para a liberdade e serviço da comunidade. (Catarina Ferreira, Lubango, 2022, pp.26-27)

Ainda assim, as homenagens e rituais fúnebres em África, Angola, não só têm um papel social e psicológico ao permitir partilhar com todos um momento de acolhimento para suportar a dor e consternação da perda. Esses momentos proporcionam aos familiares e amigos a chance de despedirem e darem o último adeus digno e respeitoso para o entequerido. O ritual fúnebre de um recém-nascido para o grupo etnolinguístico Ovimbundu de Caconda é de extrema importância na medida após a sua conservação contribui para a manutenção e preservação dos valores culturais da juventude da aldeia de Chico Sul em particular e da comunidade de Caconda no geral. (Catarina Ferreira, Lubango, 2022, p.27)

Breves caracterização da Aldeia de Chico Sul

A aldeia Chico Sul localiza-se no município de Caconda na zona norte, com um relevo acidentado, entre vales e rios. Ela tem uma extensão de 19 km da Comuna Sede. A aldeia do Chico Sul é limitada a norte pela Comuna Sede, a este pela Comuna do Cutenda (chicomba), a sul pelo município de Choicomba, e oeste pela Comuna do Uaba (Caconda). (Catarina Ferreira, Lubango, 2022, p.29)

Aparência Sociocultural

Segundo Catarina Ferreira, afirma-se que grande parte da população de Ovimbundu é descendente de povos que fizeram a sua entrada pelo norte de Angola (Bakongo) que posteriormente se instalaram nos planaltos centrais. Esses povos, juntaram-se a outros povos vindos do nordeste e sul de Angola. A prova destes encontros reside na língua Umbundu, produto do Bantu-Kongo e do Bantu-Luanda. (Catarina Ferreira, Lubango, 2022, p.29)

A cultura define-se como um conjunto de complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. (Catarina Ferreira, Lubango, 2022, p.29)

Revisão bibliográfica

Nas comunidades tradicionalistas africanas a palavra sempre desempenhou uma função importante na transmissão de saberes, é através da palavra que as relações se materializam. Segundo Hampaté Bá, os ofícios tradicionais são os grandes vetores da tradição oral. A África do Bafur, qualquer um poderia tornar-se tradicionalista doma, ou seja, qualquer pessoa poderia se tornar conhecedor em uma ou mais matérias tradicionais, porque o conhecimento estava à disposição de todos e sua aquisição dependia simplesmente das aptidões individuais.

O conhecimento era tão valorizado que tinha procedências sobre tudo e conferia nobreza, onde o conhecedor, em qualquer área, poderia sentar-se no conselho dos Anciões encarregados da administração da comunidade, a despeito, de sua categoria social. (horon, nymaakala ou woloso). A educação africana não tinha a sistemática do ensino europeu, sendo que que dispensada durante toda vida e a própria vida era a educação. A sua educação era passada de forma oral no Ondjango (casa de conversa). No bafur, até os 42 anos, um homem devia estar na escola da vida e não tinha direito à palavra em assembleias a não excepcionalmente. O seu dever era ficar ouvindo e

aprofundando os conhecimentos que veio recebendo desde os 21 anos. (Hampaté Bà 2012, p. 200)

A partir dos 42 anos, presume-se que já tivessem assimilado e aprofundando os ensinamentos recebidos desde a infância até a idade atingida e só então adquire o direito a fala nas assembleias e sua vez tornava-se um mestre, para devolver à sociedade aquilo que havia aprendido e recebido durante a aprendizagem. Mas isso não lhe impedia de continuar aprendendo com os mais velhos, se assim o desejasse, pedir-lhes conselhos sempre que precisasse. Um homem idoso encontrava sempre uns mais velhos ou mais sábios que ele, a quem pudesse solicitar uma informação adicional ou opinião. Todos os dias costuma-se dizer, o ouvido ouve aquilo que ainda não ouviu. Assim a educação podia durar a vida toda. (Hampaté Bà 2012, pp. 200-201)

Após o aprendizado do ofício e seguir com a iniciação correspondente, o jovem nymakala artesão está pronto para ir com seus próprios passos de cidade em cidade a fim de aumentar seus conhecimentos aprendendo com novos mestres que encontrar ao longo de seus percursos. Com esse texto, Hampaté Bá, quer dizer que, por mais que o jovem tenha participado das reuniões que acontecem na aldeia com os mais velhos, deve-se manter calado a não ser que lhe passem fala para que dê alguma opinião, se não for dado a permissão para poder falar, este por sua vez deve se manter calado e ouvir o for dito na reunião ou na assembleia. E daí surgiu o ditado: Quando mais velho estiver falando debes te manter calado até que permitam falar.

Para Oyèrónké Oyewumi (2004) A senioridade tem um papel importante por serem os mais na comunidade, certamente devido aos conhecimentos antigos que eles possuem. Elas têm mais experiências sobre as tradições das aldeias ou da comunidade. O princípio fundamental das relações sociais, eram as senioridades, por serem definidas pelas suas idades relativas. Em qualquer interação social ou instituição africana, as pessoas idosas são consideradas mais antigas e privilegiadas na cultura. Como uma instituição, a senioridade é socialmente constituída e a idade cronológica não é a sua única característica.

Na tradição ovimbundu, aos mais velhos é devido ao máximo respeito, isto porque eles representam um papel importante na comunidade. Os aspectos de abordagem ligados à oralidade, a palavra e o papel do Ancião na comunidade contexto da cultura africana se interligam e completam-se. Dentro comunidade Ovimbundu, ancião pode ser descrito como uma figura responsável de todos tecidos sociais. Para os Ovimbundu, o papel do ancião representa a autoridade, não quem pensa e decide por

todos. As decisões são todas em conselho e de acordo com a experiência e sabedoria do mais velho do grupo. (Ema Celena Sanjambela, p.35, 2022. Lubago).

Os anciãos encarnam os antepassados com uma forma vital vinda do passado formando uma dinastia. A memória das comunidades Ovimbundu, são transmitidas continuamente pelos anciãos sob forma de histórias contendo conhecimentos, princípios e valores que preservam o sentido agregador enquanto família e vinculação aterram. Desta feita, o ato de lembrar, está na essência das tradições que sustentam a organização comunitária e formas de governar nessas sociedades. Assim a comunidade reverencia os seus ancestrais conservando os valores de convivência que estão na memória como um jeito de ser, pertencer e participar. (Ema Celena Sanjambela, p.35, 2022. Lubago).

Lista Bibliográfica

BÂ, Amadou Hampatê et al. A tradição viva. História geral da África, v. 1, p. 167-212, 2010. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África/ editado por Joseph

BARBOSA, Raoni Borges. EDWARD B. TYLOR: Tradução de Raoni Borges Barbosa. **RESC–Revista de Estudos SocioCulturais** , v. 1, não. 01, 2021.

FERNANDES, Anabela de Lourdes da Silva. O Evamba Entre os Ovimbundu na Província da Huíla: Um Estudo Exploratório Feito no Município de Caconda nas Aldeias de Katapi e Sahando. 2022.

Geertz, Clifford, 1926- A interpretação das culturas / Clifford Geertz. - 1.ed. - [Reimpr.]. - Rio de Janeiro :LTC, 2015. 323p. Tradução de: The interpretation of cultures ISBN 978-85-216-2985-6 Etnologia. 2. Cultura. I. Título.

JOSÉ, Nsimba. As narrativas orais ovimbundu como espaço de produção de sentidos.

LEITE, IB SEVERO, CG (orgs.). Kadila: culturas e ambientes, 2016.

NHULILIVALI, Narciso Félix José (Catarina Ferreira) et al. O Ritual Fúnebre De Um Recém-Nascido: Um Estudo Exploratório Feito No Município De Caconda Na Aldeia De Chico Sul. 2022.

SANJAMBELA, Ema Celina. O Papel e o Lugar da Tradição Oral nas Sociedades Africanas: Contextualização da Cultura Ovimbundu do Huambo. 2022.

Fontes

https://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=+Clifford+Geertz+sobre+a+interpreta%C3%A7%C3%A3o+cultural&btnG=

<https://culturaangolanaetniaovimbundo.blogspot.com/p/artigos-informativos.html>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ovimbundos>